

## SANTA MARIA, PINTA E NINA: A REDESCOBERTA DOS CARIBES EM ESPAÇOS DISCURSIVOS BRASILEIROS

MARIA T. FERRAZ NEGRÃO DE MELLO  
PROFESSORA ADJUNTA DO DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB

“Existen em realidad muchos Caribes.”(Gastambide–Geigel)

### Introdução

Com o objetivo de partilhar minhas incursões atuais no universo caribenho e estimular a reflexão sobre uma idéia dos Caribes cujas reconfigurações inscrevem espaços brasileiros, recortei de uma investigação em andamento,<sup>i</sup> parte do *corpus* da pesquisa-piloto já realizada, referente às representações do Caribe, veiculadas em Cadernos de Turismo de cinco jornais brasileiros.

O estudo como um todo tem como suporte empírico um *corpus* constituído de discursos institucionais brasileiros, livros didáticos, fontes orais, fontes iconográficas e midiáticas, conjunto cuja contrastação vem permitindo a consecução dos objetivos da pesquisa que aludem, desde o título, aos Caribes e seu lugar em diferentes espaços discursivos brasileiros. Como se organizam? Em que aspecto são parafrásticos, ou onde a concepção de Caribe se encapsula ou revela polissemias? Em que condições de produção emitem os respectivos discursos? Que imaginários os impulsionam e de que matrizes históricas ressoam as enunciações? Tais questões permeiam o *palco* da investigação norteada pelo entendimento de que “La identidad [ ... ] expresa no solo lo que se es – o lo que se imagina uno que es – sino también lo que quiera o se pretende llegar a ser”.<sup>ii</sup> Neste *palco* os Cadernos de Turismo constituem um dos *libretos* que ensejou a montagem da comunicação que se segue.<sup>iii</sup> Afinal, lembra DUBY,

Henri Gouhier compara o ofício de historiador ao do encenador. Construído o palco, plantado o cenário, composto o libreto, trata-se de montar o espetáculo, de comunicar o texto, de dar-lhe vida, e é isto que importa.<sup>iv</sup>

### “É como estar numa festa”: representações do Caribe nos Cadernos de Turismo e revistas brasileiras

Muito embora não se referisse ao *Mundus Novus*, mas a uma “nova sociedade a ser construída”, as representações do moleiro de Ginsburg<sup>v</sup> e seu imaginário paraíso, parecem saltar da *era dos descobrimentos*, para povoar os Suplementos Turísticos brasileiros, definindo os contornos da tematização e da retórica sobre o Caribe.

Interpelado por vozes que se entrecruzam, Menocchio metaforizou sobre o paraíso: “É como estar numa festa que não acabasse mais, livre da oscilação periódica entre a escuridão e a luz, carestia e abundância, quaresma e carnaval”.<sup>vi</sup> É a partir deste fragmento discursivo que o historiador italiano rastreia sentidos possíveis: “O país da Cocanha, para lá do oceano, era, também uma grande festa. Talvez o *mundo novo* desejado por Menocchio fosse parecido”.<sup>vii</sup>

Desdobradas em outras tantas maneiras de “dizer o mesmo” e ancoradas em imagens fotográficas, que não apenas ilustram, mas, dialogam retoricamente com os títulos, subtítulos e textos persuasivos, as matérias que enfocam o Caribe, para ele deslocam o paraíso e, nesta Cocanha, parecem redescobrir o Novo Mundo.

Por este motivo, ênfase a importância deste *lugar-de-fala*, fonte fundamental nesta investigação.

A etapa atual foi precedida de uma eleição dos jornais a serem trabalhados, seguida da coleta dos respectivos Cadernos Turísticos, ao longo de um semestre.<sup>viii</sup> Paralelamente foi feita uma análise técnica das características gerais desses espaços discursivos, assim como o levantamento das manchetes de capa, títulos, subtítulos dos Cadernos como um todo, matérias internas e fotos. Neste último aspecto, as imagens foram selecionadas a partir de um critério geral, presidido pela observação das características preponderantes. Tal iniciativa resultou no seguinte quadro: “Figuras

humanas em primeiro plano” (tipo, sexo, cor), “natureza” (mar, praias, flora e fauna), “patrimônio histórico” (monumentos, lugares), “lazer” (esportes, passeios, vida noturna, gastronomia).

Parte do material assim organizado e trabalhado na pesquisa piloto confere embasamento empírico para os encaminhamentos de análise que se seguem.

No *Guia de Viagem* do Jornal do Brasil, encontro em matéria interna: “Só o Caribe oferece cruzeiros o ano inteiro”.<sup>ix</sup> Trata-se de matéria de caráter informacional e, claro, publicitário, na qual, a fala de sujeitos suporte ligados à área de turismo e as informações tomadas do livro *Cruzeiros Marítimos*<sup>x</sup> subsidiam o conteúdo de meia página sobre as predileções dos brasileiros para viagens ao exterior, destinos mais procurados no mundo e calendário dos cruzeiros que, segundo a matéria, vai de abril ao final de setembro.

Percebo que “a singularidade do Caribe” dialoga com a perenização da festa que sequer os famosos furacões e tempestades tropicais logram obscurecer. Segundo o mesmo depoente: “Caso haja uma ameaça real a um navio, uma rara situação, a embarcação desvia ou para”.

Não por acaso os estudiosos do turismo, aqui e acolá tomam o Caribe para substanciar suas reflexões. Assim o faz, por exemplo, Ycarin Barbosa, ao articular o papel das representações que interpelam o turista brasileiro, a perspectiva *statutária*, que estimula a “quem vai” e, implicações da turistificação para os “do local”.<sup>xi</sup>

De fato, um recente motivo das viagens para Aruba e Cancun, parece configurar uma aspiração dos setores médios e supra-médios brasileiros. Bem por isso, o autor acima citado ironiza: “Na verdade, muitos turistas não sabem onde fica Cancun, entretanto, o importante não é o conhecimento geográfico, mas, a possibilidade de visitar um lugar em evidência e chique”.<sup>xii</sup>

Interessante observar que o diálogo entre os mídia funciona como caixa de ressonância entre os diferentes *lugares-de-fala* midiáticos. Enquanto a mídia impressa se incumbem de situar o Caribe como objeto de desejo e o expõe em suas vitrines, uma Kubanacan inventada cenariza o universo caribenho na “próxima novela das sete” e na das oito, personagens femininos da alta classe média carioca, referem-se ao Caribe com frequência. Em capítulo recente, uma personagem sugeria a outra uma viagem ao Caribe, com a finalidade de distrair-se, após uma separação conjugal. Lá estariam, além da exuberância do lugar, a possibilidade de reencontrar aquele sedutor desconhecido, com quem trocara um beijo ardente nos corredores do hotel, cena por muito pouco não flagrada pelo então marido.<sup>xiii</sup>

Folheio outras matérias de Suplementos Turísticos e Revistas Semanais e obtenho o seguinte: “Esta é para quem quiser casar pelado na Jamaica”.<sup>xiv</sup> “Ilha com balanço do merengue/Aposte suas fichas no relax completo”.<sup>xv</sup>

No primeiro enunciado, trata-se de “curta”, nome da coluna, informando aos interessados sobre o evento a ser realizado na Jamaica, sob o patrocínio de um Resort. A matéria insiste: “Para quem quiser casar pelado na Jamaica. Isso mesmo, sem nenhuma peça de roupa”. A insistência, no breve espaço de uma “curta”, toma como gancho o sublinhamento de uma leitura liberada quanto a lida com o corpo que, conforme ocorre em outras matérias, já selecionadas, aí mesmo encontra o filão que estimula receptores ávidos por conhecer lugares representados como Cocanhas, nos quais, corpos nus parecem configuradores de uma imaginada liberdade total

Nos dois outros enunciados transcritos, Santo Domingo, com suas praias paradisíacas, ocupa no texto e nas imagens, uma página inteira do suplemento que inclui em um pequeno box, o mapa: – Onde fica o país.

Neste exemplo, os equipamentos retóricos adotados, se constroem a partir de três vertentes. Refiro-me ao imaginário da natureza, ao lugar ideal, para ao mesmo tempo dançar, divertir-se e relaxar e à perspectiva histórica como instância de apelo, calcada na sugestão do roteiro colonial. A matéria lembra que a capital, Santo Domingo, patrimônio da humanidade, foi fundada em 1498. A sugestão do tour histórico informa, ignorando controvérsias, que o Alcázar de Cólón foi habitado por Colombo e por seu filho. Tal informação dialoga com uma das fotos, enquanto as duas demais destacam as praias e a exuberância da natureza.

Mas chama a atenção, sobretudo para os propósitos desta pesquisa, o parágrafo de abertura da matéria que, não obstante longo, merece transcrição:

Santo Domingo – Além de contagiar todos os que chegam, o ritmo do merengue, a música nacional da República Dominicana, define, de maneira muito clara, a atmosfera de descontração que envolve toda a população. Receptivos, os dominicanos estão sempre com um sorriso nos lábios, prontos para atender os turistas, que saem das mais diferentes partes do mundo, ávidos para conhecer a ilha.<sup>xvi</sup>

Belas e tecnicamente bem elaboradas, as mensagens publicitárias da Bahia veiculadas com frequência pela televisão brasileira, com alguns poucos ajustes, bem que poderiam fazer uma superposição quase perfeita com as representações construídas sobre a República de São Domingos, acima brevemente descritas. Percebo que se o solo histórico dá o suporte, buscando no passado explicações sobre as semelhanças, o cenário do presente o ancora, patenteando ressonâncias de um Brasil tizado de matizes caribenhos. À guisa de simples exercício, imaginariamente realizo o contraste e arrisco alguns ajustes. Senão vejamos: “Ilha com balanço de merengue/Salvador com balanço de timbalada e axé”. “Roteiro colonial em Santo Domingo/Roteiro histórico no Pelourinho”. “Aposte suas fichas no relax completo/Venha descansar e curtir o tradicional relax baiano”. Para compor a retórica das imagens e oferecer ao turista, exemplos do tour histórico, quem sabe o belo Solar do Ferrão, do século XVII e, sem dúvida, algumas igualmente belas, fotos da paisagem, das praias, podendo-se também incluir o riso largo de uma baiana, ou o dorso nu de um baiano anônimo. Quanto ao texto, poderia ser o mesmo, com as necessárias adequações. Vejamos: “Receptivos, os baianos estão sempre com um sorriso nos lábios, prontos para atender os turistas”.

Pergunto-me, se esta representação de uma gente “pronta para atender”, não viria da *voz sem nome* que este enunciado recita.

No caso da Bahia, Azevedo, escrevendo sobre o Pelourinho, lembra que se criou uma língua no bairro, que mistura português e espanhol, adotada sobretudo pelas crianças que ali circulam. Elas dizem “com educação impecável – não fosse a gentileza um dom baiano, *estoy incomodando amiguito?*”. Deixar fotografar-se pode custar um real, mas pode custar só cinquenta centavos.<sup>xvii</sup> De fato, na matéria sobre São Domingos e na por mim recriada, a partir das semelhanças, como diria Menocchio, “É como estar numa festa”. Não se trata, porém, da sociedade igualitária imaginada pelo moleiro, pois, metaforizando, há os participantes da festa e os “sempre prontos para servir”, enunciado prenhe de significações.

Em pleno dezembro, mês em que os Suplementos Turísticos costumam centrar sua atenção nos feriados do final do ano e no Reveillon, o caderno **Lugares**, do Correio Braziliense, optou por veicular uma bem cuidada edição especial sobre Cuba.<sup>xviii</sup> Ao longo das oito páginas que compõem o suplemento, apenas a página dois é dedicada ao Reveillon brasileiro e às possibilidades turísticas para os que pretendem viajar no país.

Chamam logo a atenção a foto da capa, ocupando meia página, a manchete e o pequeno texto, cujo enunciado e modo de construção, dialoga com a matéria como um todo.

Usando calça branca, camiseta listrada em branco e azul, braços negros ostentando músculos reluzentes, mãos espalmadas para traz, a figura de um negro sentado de costas em murada branca, integra-se à paisagem marinha, na qual, ao longe, céu e mar se encontram. Neste, sobre azul profundo, uma pequena embarcação ao longe, naquele, umas poucas nuvens brancas, manchando o azul celeste.

Na manchete, em letras garrafais: Cuba e, logo abaixo o subtítulo, em tipo menor, porém em negrito: “Sem perder a ternura”. Breve, como convém às chamadas de primeira página, o texto, em sua concisão, é reforçado ao retorizar com os demais elementos acima descritos.

Conforme bem lembram Santaella e Nöth,<sup>xix</sup> filiando-se às leituras mais holísticas sobre a mensagem, a relação texto-imagem deve ser compreendida para além da simples adição, pois, é preciso considerar as imbricações entre

elementos, tais sejam, texto impresso, imagem e legenda, ressaltando na disposição lado a lado, a efetivação de uma espécie de comentário recíproco.

O exemplo selecionado oferece excelentes pistas para uma reflexão sobre o conjunto. Em primeiro plano a figura humana fundindo-se com a paisagem, integrada ao mar, ao céu e a tudo impregnando sensualidade, na silhueta de costas, fazendo pensar que o rosto, pouco importa, pois, visível, continuaria anônimo. Trata-se de figura masculina, mas, poderia ser a de uma mulher, e igualmente negra ou mulata, em pose escolhida de modo a destacar atributos físicos.

A leitura de Bhabha sobre o cenário da fantasia colonial e o significado da cor escura, a um só tempo nascimento e morte, sopra em meus ouvidos senhas para o alargamento de possíveis sentidos. Para este autor, “o nativo ou o negro, corresponde à demanda do discurso colonial [ ...], o negro é, ao mesmo tempo selvagem (canibal) e, ainda, o mais obediente e digno dos servos (o que serve a comida); ele é a encarnação da sexualidade desenfreada e, todavia inocente como uma criança ...”<sup>xx</sup>

Por sua vez, Muniz Sodré, lembra a reflexão do Padre Antônio Vieira, para justificar sua rejeição à proposta de anistia aos quilombolas de Palmares: “O seu cabedal, que não é outro mais que o próprio corpo”.<sup>xxi</sup> É ainda o mesmo autor que, recorrendo à literatura brasileira do século XIX, considera, a partir de exemplos, que, naquele espaço discursivo “o negro confunde-se, na verdade, com a paisagem, com as coisas de um patrimônio”.<sup>xxii</sup> Ora, nos espaços discursivos do tempo presente, os Cadernos de Turismo que venho tomando como exemplo, permitem pensar, a meu ver, em repercussões de matrizes históricas, quando se retém nos enunciados e imagens, criaturas prontas para servir e corpos e músculos, de algum modo coisificados, integrando a paisagem.

Em belo e conhecido estudo, Bachelard reflete: “Dos quatro elementos, somente a água pode embalar. É ela o elemento embalador [ ...] A água leva-nos. A água embala-nos. A água adormece-nos. A água devolve-nos a nossa mãe”<sup>xxiii</sup> Mais uma vez diálogo com o Suplemento Turístico que venho considerando e outros sentidos me ocorrem. Que sonhos embalaria aquele homem? Que imaginários estariam acionados diante daquele mar do Caribe? Novamente os textos que venho estudando, sugerem reflexões. Stuart Hall, intelectual jamaicano, reflete:

Quem jamais pode esquecer, desde que as tenha visto, se alteando do Caribe verde-azulado, essas ilhas de encantamento? Quem não conheceu, neste momento, uma opressiva nostalgia por origens perdidas pelos tempos passados? Entretanto, esse retorno ao começo, é como o imaginário de Lacan – não pode ser realizado nem esquecido e é pois o começo do simbólico, da representação, a fonte infinitamente renovável de desejo, memória, mito, busca, descoberta, ...”<sup>xxiv</sup>

Permito-me pensar, diante da imagem com a qual me ocupo, que ela dialoga com o fragmento acima transcrito.

Por último, destaco a matéria veiculada pelo **Guia Viagem**, do Jornal do Brasil.<sup>xxv</sup> Na manchete: “Holandeza, francesa e do Caribe” e no subtítulo “Chamada de St. Marten ou St. Martin, a ilha tem um portfólio de diversão que vai de cassinos a esportes aquáticos”. Como nos demais casos, texto e fotos reciprocamente dialogam. No conjunto de imagens, destaco a foto de uma mulher negra em primeiro plano, um box com mapa, foto de um hotel cinco estrelas, um cassino, o mar azul repleto de palmeiras e, uma praia com três figuras humanas, de costas: uma branca, de biquini e, ao fundo, dirigindo-se ao mar, um casal, de mãos dadas, ele branco e ela negra. Poderia encaminhar sobre este conjunto, um sem número de sentidos. Alguns deles, por certo, aparecerão por ocasião da pesquisa concluída. Nesta comunicação, destaco apenas o sentido que, para receptores brasileiros, bem como para os de fala espanhola, aflora com malícia à leitura da manchete: “Holandeza, francesa e ... *do Caribe*” (grifos meus), sobretudo se nas últimas duas palavras de que se compõe o enunciado, imaginamos outra entonação que com a inclusão das reticências tive a intenção de destacar.

### **Para concluir: “E a resposta é sempre uma transformação da pergunta, para ser histórica”**

Mais uma vez recorro a Muniz Sodré, autor do fragmento acima,<sup>xxvi</sup> pela pertinência em relação à minha pesquisa em andamento e, também, quanto às minhas expectativas sobre a recepção deste texto. Nem nele, e sequer

com o estudo efetivamente concluído, tenho pretensões de ser prescritiva ou apologética. Antes, meu entusiasmo traduz o interesse pelo *Caribe de amanhã* e configura um convite à reflexão. Ao trabalhar com sentidos possíveis, tive a intenção de partilhar ajustes a um quebra-cabeça, sabendo, porém, que não seriam respostas. Respondidas, talvez perdessem o dom do estímulo, pois, vale repetir, “a resposta é sempre uma transformação da pergunta para ser histórica. O que transforma é o não respondido e não o respondido”.<sup>xxvii</sup>

## Bibliografia

AZEVEDO, Roberto Marinho de. “Será o Pelourinho um novo engano?” In: Heloisa Buarque de Hollanda (Org). IPHAN. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Rio de Janeiro, Editora Graphos, nº 23, 1994.

BACHELARD, Gaston. *A Água e os Sonhos*. Ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo, Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 1989.

BARBOSA, Ycarin Melgaço. *O despertar do turismo. Um olhar crítico para os não-lugares*. São Paulo, Aleph, 2001.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte, EdUFMG, 2001.

DUBY, Georges. *A História Continua*. Rio de Janeiro: Zahar/UFRJ, 1993.

GASTAMBIDE-GEIGEL, Antonio. “Identidades internacionales y cooperación regional em el Caribe”. In: *Revista Mexicana del Caribe*, ano V, nº 9, 2000.

GINSBURG, Carlos. *O queijo e os vermes*. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

HALL, Stuart. “Identidade Cultural e Diáspora”. IPHAN. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Rio de Janeiro, Editora Graphos, nº 24, 1996.

SAN MIGUEL, Pedro L. “Visiones históricas del Caribe: entre la mirada Imperial y las resistencias de los subalternos”. In: *Revista Brasileira dos Caribes*, vol I, nº 2, Goiânia/Brasília, CECAB, 2000.

SANTAELLA, Lúcia e NOTH, Winfried. *Imagem: cognição, semiótica e mídia*. 2ª ed. São Paulo, Iluminuras, 1999.

SODRÉ, Muniz. *Claros e Escuros. Identidade, Povo e Mídia no Brasil*. Rio de Janeiro, Petrópolis, Vozes, 1999.

---

<sup>i</sup> Pesquisa em andamento que realizo como pesquisadora do Projeto PROCAD/CAPES Fronteiras: espaços imaginados, lugares concretos. (Investigação iniciada no I / 2002, pesquisa piloto concluída no I / 2003 e conclusão prevista para o I / 2004).

<sup>ii</sup> Pedro L. San Miguel. “Visiones históricas del Caribe: entre la mirada Imperial y las resistencias de los subalternos”. In: *Revista Brasileira dos Caribes*, vol I, nº 2, p. 61, Goiânia/Brasília, CECAB, 2000.

<sup>iii</sup> Não poderia deixar de incluir nesta comunicação meus profundos agradecimentos a meu doutorando Vitor Hugo Veppo Burgardt, pela inestimável colaboração e, também, à professora Eleonora Zicari Brito que, com a solidariedade de sempre, colaborou efetivamente, fazendo com que o fardo dos prazos ficasse mais leve.

<sup>iv</sup> Georges Duby. *A História Continua*. Rio de Janeiro: Zahar/UFRJ, 1993, p. 61.

<sup>v</sup> Carlos Ginsburg. *O Queijo e os Vermes*. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

<sup>vi</sup> Idem, ibidem. p. 169-170.

<sup>vii</sup> Idem, ibidem.

<sup>viii</sup> Agradeço à professora Tânia Montoro, colega do Centro de Excelência em Turismo, com quem partilho a coordenação do curso de especialização em Turismo e Hotelaria, e a seus monitores, pela participação na etapa de coleta, triagem e compatibilização do suporte empírico. Os Suplementos Turísticos trabalhados integram os seguintes jornais impressos diários: *Jornal do Brasil: Guia de Viagem*, *O Globo: Boa Viagem*, *Folha de São Paulo: Folha Turismo*, *Correio Braziliense: Lugares*. A coleta foi feita no I/2002. A pesquisa não sistemática das revistas semanais prossegue em andamento (*Veja e Isto É*).

<sup>ix</sup> *Jornal do Brasil*, Guia de Viagem, 27/01/2002, p. 5.

<sup>x</sup> Ricardo Amaral. *Cruzeiros Marítimos* (a matéria não informa a data e editora da publicação).

- <sup>xi</sup> Ycarin Melgaço Barbosa. *O despertar do turismo. Um olhar crítico para os não-lugares*. São Paulo, Aleph, 2001, p. 32-35.
- <sup>xii</sup> Idem, p. 35.
- <sup>xiii</sup> Descrição esquemática de uma cena veiculada em capítulo da novela *Mulheres Apaixonadas* – TV Globo – primeira semana de abril.
- <sup>xiv</sup> *Revista Época*. 14/10/2002, p. 55.
- <sup>xv</sup> *Jornal do Brasil*. Guia de Viagem. 05/05/2002, p. 8.
- <sup>xvi</sup> Idem, ibidem.
- <sup>xvii</sup> Roberto Marinho de Azevedo. “Será o Pelourinho um novo engano?” In: Heloisa Buarque de Hollanda (Org) IPHAN. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Rio de Janeiro, Editora Graphos, nº 23, 1994, p. 135.
- <sup>xviii</sup> *Correio Braziliense*. Lugares. 11/12/2002.
- <sup>xix</sup> Lúcia Santaella e Winfried Nöth. *Imagem: cognição, semiótica e mídia*. 2ª ed. São Paulo, Iluminuras, 1999, p. 55.
- <sup>xx</sup> Homi K. Bhabha. *O local da cultura*. Belo Horizonte, EdUFMG, 2001, p. 126.
- <sup>xxi</sup> Muniz Sodré. *Claros e Escuros. Identidade, Povo e Mídia no Brasil*. Rio de Janeiro, Petrópolis, Vozes, 1999, p. 178.
- <sup>xxii</sup> Idem, ibidem. p. 158.
- <sup>xxiii</sup> Gaston Bachelard. *A Água e os Sonhos*. Ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo, Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 1989, p. 136.
- <sup>xxiv</sup> Stuart Hall. “Identidade Cultural e Diáspora”. IPHAN. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Rio de Janeiro, Editora Graphos, nº 24, 1996, p. 75
- <sup>xxv</sup> Id. 12/05/2002, p. 4-5.
- <sup>xxvi</sup> Muniz Sodré. *Claros e Escuros ... Op. cit.* p. 66.
- <sup>xxvii</sup> Idem, ibidem.